

SOCIABILIDADE E SEXUALIDADE JUVENIL: Subjetividades e identificações em “tempos de misturas”

Resultado de investigação finalizada

GT11: Gênero, Desigualdade e Cidadania

Alexandre Martins Joca

Resumo

Este artigo investiga a sociabilidade juvenil a partir das experiências de ocupações de espaços públicos na cidade de Fortaleza/CE/BR. Procura compreender como suas interações são mobilizadas por dispositivos de gênero e sexualidades. A pesquisa de campo, de cunho etnográfico, contou com oito meses de observação participante, oito entrevistas individuais e três grupos de discussão. Conclui que os modos de vida juvenis estão relacionados à adoção de estilos e à vivência da sexualidade, mobilizados por uma diversidade de referenciais socioculturais. A sexualidade versa sobre um espaço/tempo juvenil de descobertas e conflitos vivenciados em interações com as normas sócio, e culturalmente, instituídas. A sociabilidade juvenil, caracterizada pela interação entre estilos e orientações sexuais, constituiria, como afirmam jovens, os “*tempos de misturas*”.

Palavras-chaves: Juventudes. Sexualidades. Sociabilidades

Introdução

Este artigo investiga a sociabilidade juvenil a partir das experiências de ocupações de espaços públicos na cidade de Fortaleza/CE/BR. Procura compreender como as interações juvenis são mobilizadas ou mobilizam-se por dispositivos de gênero e sexualidades. Para isso, analisa a sociabilidade de jovens frequentadores da Praça Portugal e da Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), considerados espaços de interações juvenis na Cidade. São jovens Roqueiros/as, *Punks*, Skatistas, Emos, Dançarino(a)s de *Free Step*, Bboys, *Otakus*, “*Coloridos*”, “*Pirangueiros*”, “*Comuns*” ou “*Normais*”¹ que, independente de gênero, da orientação sexual ou do estilo elaboram dinâmicas de sociabilidades sob “misturas” juvenis. A pesquisa de campo, de cunho etnográfico, contou com oito meses de observação participante, oito entrevistas individuais e três grupos de discussão envolvendo diretamente um total de 26 jovens.

A escolha metodológica pela etnografia e a diversidade de procedimentos empreendidos – observação participante, diário de campo, entrevistas e grupos de discussão – viabilizou a elaboração de um arcabouço empírico com descrições de espaços investigados e registros etnográficos e episódios de sociabilidades juvenis, aliados aos discursos sobre estilos de vida e sexualidades. Desse modo possibilita a leitura de mobilizações mútuas entre estilos e grupos juvenis e dispositivos de gênero e sexualidades.

Centrar-se, portanto, nos processos da dinâmica social das culturas juvenis, dos “modos de vida específicos e práticas quotidianas que expressam sentidos e valores não apenas ao nível das

¹ Trago entre aspas e em itálico as categorias êmicas surgidas no trabalho de campo.

instituições, mas também ao nível da própria vida quotidiana” (PAIS, 2003, p. 69). O conceito analítico de “modos de vida” enquanto um “fio condutor para a análise das práticas sociais, a construção simultânea e articulada de relações sociais, das representações e do campo simbólico” (LOBO, 1992, p. 14) nos ajuda a compreender as relações entre as experiências cotidianas juvenis (micro) e as estruturas sociais hegemônicas (macro) determinantes das relações de gênero e sexualidades. Parto do entendimento de modos de vida e sexualidades como dimensões relacionais do tecido social, por, reciprocamente, se apropriam de elementos materiais e simbólicos da vida social.

Sexualidade e gênero são categorias abordadas sob o olhar construtivista e cultural, em detrimento à perspectiva essencialista centrada nos aspectos biológicos. Entendida como um “dispositivo” sociocultural (FOUCAULT, 1988), as questões de gênero, sob a ótica relacional e social, dão base às reflexões elaboradas a partir das interações juvenis à luz de autore(a)s como Judith Butler (2003), Guacira Louro (1997, 2001), Michel Foucault (1988) e Miguel Vale de Almeida (1995). As polaridades feminilidade/masculinidade, homem/mulher, homossexualidade/heterossexualidade são revisitadas tendo como foco de análise as categorias êmicas elaboradas (ou ressignificadas) nas experiências educativas juvenis entre pares na cidade de Fortaleza.

No processo de movimentos e identificações entre estilos e grupos nas sociabilidades juvenis, como suas interações são mobilizadas ou mobilizam-se por marcadores de gênero e sexualidade? Ao voltar-se a atenção às dinâmicas da sociabilidade juvenil, onde gênero e sexualidade são negociados na esteira das relações afetivo/sexuais entre os jovens, as relações entre estilos e grupos parecem nos fornecer elementos importantes para este estudo. Como modos de vida e sexualidades juvenis são mobilizados nesse jogo marcado pela fluidez das sociabilidades juvenis?

2. Sociabilidades e Sexualidades Juvenis em “tempos de misturas”

Nas últimas décadas do século XX, com o aparato tecnológico e a diminuição de fronteiras de espaço/tempo por meio de mobilidades tecnológicas, apresentam novos desafios aos estudos sobre sociabilidades e sexualidades juvenis. Fatores advindos da modernidade estão no centro desse debate. A década de 1990 é considerada um divisor de águas, em virtude do uso do preservativo como ação preventiva e do sexo não reprodutivo a partir da epidemia do HIV-AIDS registrada na década anterior; da publicização da sexualidade nos meios de comunicação; da atuação dos movimentos sociais – feminista e LGBT – em prol de direitos civis e sociais; do crescente avanço e acesso, via instrumentos tecnológicos, à internet – as redes sociais como vias de acesso e recriação de modos de afetividades e/ou sexualidades; da cooptação da sexualidade – do corpo, do desejo, da sensualidade – como ferramenta de sedução do “consumidor”, pela lógica capitalista, entre outros.

Assim, os jovens da primeira década do século XXI, desde crianças, vislumbram esse cenário que os conduz a uma educação sexual cada vez mais precoce. Não estou aqui a afirmar que muitos desses elementos não estariam presentes em outras temporalidades, mas a ressaltar a eminência de como alguns aspectos têm se destacado nas últimas décadas, desenhando contornos e trilhas diversas para o percurso de formação sexual da juventude.

A sociabilidade é entendida por Simmel (1983) como “uma forma lúdica de sociação”. Segundo ele, é por meio da sociação que o indivíduo encontra uma diversidade de modos de interagir visando atender a “interesses e finalidades específicas”. No entanto, a sociabilidade seria uma forma de sociação que tem na própria dimensão relacional sua motivação. Uma forma de conviver desvinculada dos conteúdos.

Aqui, a “sociedade” propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos e dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas

quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria libertação desses laços. É isto o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (SIMMEL, 1983, p. 168).

No âmbito das interações entre pares aqui estudadas, as sociabilidades empreendidas pelos jovens pesquisados adentram os trânsitos de identificações e/ou identidades (ou não) com estilos em negociações entre grupos juvenis. Seriam, como afirmam, jovens sob “*misturas*”, ou melhor, em “*tempos de misturas*”. A “*mistura*”, ou os “*tempos de misturas*”, expressão utilizada pelos jovens, surge então como um achado do trabalho de campo. A maneira dos jovens de expressar as formas como a sociabilidade se faz pela afirmação de semelhança e diferenças.

Se misturar é juntar coisas diferentes, é embaralhar, é confundir, estar misturado seria estar próximo, em contato com o que difere de si. Neste estudo, a dimensão da “*mistura*”, para além de uma conotação espacial (geográfica ou material), consiste no reconhecimento (consciente ou não) de um processo de afirmação de diferenças, semelhanças, portanto, processo de identidades que se passa nas interações movidas por uma diversidade de identificações juvenis, produzindo “o sujeito pós-moderno [...] fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 1999, p. 12). No campo da sexualidade, ou melhor, das identidades sexuais, Seffner (2004, p. 88) opta pela expressão “identidades culturais” para definir aquelas “que não são fixas, não derivam diretamente do corpo, são fluidas, podem ser contraditórias, são relacionais, não designam indivíduos prontos e acabados”.

Ao centrarem-se nas “*misturas*” juvenis, as dimensões, estilos e sexualidades, tomadas como campo de observação de seus modos de vida, podem nos fornecer pistas sobre os mecanismos socioculturais, agenciados pelos jovens, nas sociabilidades experienciadas nos espaços públicos da Cidade. Envolto às dinâmicas sociais de aproximações e distanciamentos entre esses estilos juvenis e a tensões e conflitos de disputas de espaços, identificam-se, também, táticas de pertencimento a grupos e espaços de interações, por meio da adoção (ou não) de um estilo, ou da “*camuflagem*”, simulação de uma identificação.

Apesar das trocas simbólicas e materiais de marcadores identitários, o estilo continua a ser marca registrada de pertencimento a determinados grupos, espaços e interações, mesmo que isso não se constitua uma regra intransponível. Os jovens “*normais*” ou “*comuns*”, por exemplo, ao adotarem a política dos “*sem estilo*”, aparecem como quem (re)criam negociações e temporalidades sobre modos de vida nas sociabilidades juvenis. A fluidez de uma imagem corporal momentânea e travestida e o ecletismo para gostos musicais e danças são exemplos dessa categoria nativa, da qual a mobilidade estética (ou corporal) torna-se referência principal. “*Usando o que der na telha*”, transitam por possibilidades múltiplas de identificações e estilos juvenis, sem se fixar às amarras que a identidade atribui aos sujeitos. Ora um camaleão a camuflar-se forjando, por meio da pele, da indumentária, uma adequação ao espaço e às interações ali vividas, ora um Frankenstein, um corpo customizado por marcadores de estilos diversos, num movimento de identificação superficial e momentânea, adequando-se ao que lhe é oportuno. Transitam, mesmo superficialmente, por vários estilos e grupos juvenis sem fixar-se numa perspectiva de pertencimento a nenhum. Processo semelhante ocorre no campo da sexualidade quando se forja uma orientação sexual em nome do rótulo de “*descolada*”, “*moderna*” em espaços onde, especialmente para as meninas, a bissexualidade surgiria como lugar mais valorizado. Transeuntes a forjar, a brincar com marcadores identitários juvenis.

3. Encontros Juvenis: Aproximações e Distanciamentos

“Penso que estão juntos, mas não se misturam. Será?” (Diário de Campo, 25 de setembro de 2011). Essa questão rondava minhas inquietações sobre os modos como os jovens frequentadores da PP e do DM articulavam sociabilidades frente a diversidade de estilos juvenis e sexualidades, em suas peculiaridades. Por algum tempo, as observações da dinâmica de interações juvenis pareciam apresentar sempre evidências incertas, imprecisas, duvidosas. Foram necessários alguns meses para constatar que a dinâmica de sociabilidade entre jovens nessas praças aglutinava, simultaneamente, experiências de “misturas” marcadas por sutis interações entre “aproximações” e “distanciamentos”. Ora misturados, ora apenas juntos. Esse movimento era constituído por dinâmicas de elaborações de fronteiras que tinham dimensões diversas, mobilizadas pela diversidade de significados atribuídos aos estilos e às sexualidades juvenis.

Poderia definir genericamente os sujeitos investigados da seguinte maneira: esta pesquisa investiga as interações vividas pela galera da PP e do DM. Não foram poucas as vezes em que a expressão “a galera” apareceu nos discursos juvenis, como sinônimo de “os jovens” para designar os seus coletivos, tomando diferentes referenciais de identificação.

As expressões “a galera da PP”, “a galera do DM”, “a galera da PV” demarcam a dimensão geográfica das interações juvenis, ao passo que sinalizam para um sentimento de pertença a um grupo que tem um lugar como referência: “*esse cara é da galera da PP*”, questão retomada posteriormente quando discutiremos os significados atribuídos às designações “jovens da PP” e “jovens do DM”.

Considerando a diversidade de modos de vida e sexualidades que caracteriza as “galeras da PP e do DM”, estariam elas, compostas por uma série de marcadores identitários, seja de estilo (“a galera do free step”, “a galera do rock”, “a galera colorida” etc.), de orientação sexual (“a galera homossexual”, “a galera bi”, “a galera hetero”) de localidade de morada (“galera do Jangurussu”, “galera do Montese” etc.) ou a partir de identificações com gostos e/ou comportamentos (“galera que bebe”, “galera da pesada”, “a galera de briga”, “a galera que vira”, “galera que vem só curtir” etc.). Como, no âmbito das interações entre pares em espaços públicos, os jovens (da PP e do DM) mobilizam ações coletivas (de sociabilidade) em meio a fronteiras (de)marcadoras de diferenças e semelhanças? O que os aproxima a ponto de pertencerem a determinada(s) “galera(s)” e que referencias os distanciam? Como elaboram, simultaneamente, movimentos de aproximações e distanciamentos se estão imersos em múltiplas identificações?

Estas aproximações e distanciamentos decorrem de construções socioculturais de identidade nas quais, gênero, classe, etnia mobilizam marcadores identitários atribuindo significados e sentidos a modos de vida, estilos, orientações sexuais. Onde moramos; com quem e como nos relacionamos afetivo/sexualmente; nossa imagem; adquirem significados sociais sobre o que somos, a que mundo pertencemos, de modo a definir nosso enredo, nossas tramas, os caminhos que seguimos, a desenhar a linha da vida numa perspectiva linear de mundo, ignorando os contratempos e a subjetividade humana a que estamos sujeitos.

As interações juvenis caracterizadas por “*tempos de misturas*” apresentam-se como um rico cenário a nos informar como os jovens mobilizam estes marcadores que dialogam nas tramas da vida urbana – nas ruas, nas praças, nos bares etc. – e interagem com as experiências vividas em outros espaços e dimensões da vida juvenil. A diversidade geográfica e social dos bairros de morada, de expressões de afetos e sexualidades e de estilos juvenis vão traçando modos de vida a partir de suas experiências individuais e coletivas.

Esse contexto aponta para uma teia de relações em que se entrecruzam identificadores a partir dos pertencimentos a “galeras”. É preciso aqui ressaltar que o pertencimento a uma galera não implica, necessariamente, a integração a um grupo. Por tratar-se de vivências coletivas, a identificação de um jovem com determinada(s) “galera(s)” pode decorrer do olhar sobre si, ou melhor, de suas próprias identificações, como também, do olhar do outro, quando marcadores de estilo e sexualidades

apontam, mesmo de maneira subjetiva, a que “*galeras*” aquele (grupo ou jovem) corresponde e/ou pertence. Isso implica simbolicamente em aproximações e distanciamentos com uma diversidade de marcadores identitários. Pertence-se assim a várias galeras simultaneamente, podendo no âmbito dos modos de vida optar por referenciais de identificações que se aproximem mais de alguns aspectos que de outros. Ao pertencer simultaneamente a várias galeras, como se mobiliza referenciais que, por vezes, culturalmente se contrapõem? Opta-se por identificações que se aproximem mais de alguns aspectos que de outros?

Penso que essas múltiplas identificações juvenis, direta ou indiretamente, desenham sociabilidades afetivo/sexuais e articulam interações onde estilos e grupalidades juvenis mobilizam-se e são mobilizados por questões de gênero e orientação sexual, (re)significando modos de vida e sexualidades juvenis.

3.1. Sociabilidades sob Múltiplas Identificações

A priori, as expressões “*galera da PP*” ou “*galera do DM*” informavam a existência de grupalidades que tinham o “pedaço” como referencial identitário. No entanto, a suposta unidade identitária dessas “*galeras*” constituía-se por uma diversidade de “subgaleras” – subgrupos, tribos, estilos, “*turmas*” – compostas por múltiplas identificações de estilo, de orientação sexual, de bairro de morada, de gostos etc. A “mistura” dessas múltiplas formas de expressões (ou culturas juvenis) foi, a princípio, um obstáculo para a percepção dos modos como os jovens interagem em grupo nesses espaços.

Se os indivíduos que integram algumas tribos urbanas se distanciam de determinados padrões sociais, não é propriamente com o objetivo de se isolarem de tudo o que os rodeia, mas para reencontrarem com os grupos de referência mais próximos dos seus ideais. Por vezes, como é difícil preservarem a sua identidade nas tramas da sociedade convencional - ou dela saírem quando a diferença é uma manifestação de exclusão social – investem-se em redes relacionais de proximidade que recriam novas afiliações sociais. O que a metáfora da *tribo* sugere é a emergência de novos influxos sociais que decorrem de algum tipo de reagrupamento entre quem, não obstante as suas diferenças, procura uma proximidade com outros que, de alguma forma, lhe são semelhantes de acordo com o princípio “*aquí se ressemble s’assemble*”. É pois, em formas de sociabilidades que se orientam por normas auto-referenciais de natureza estética e ética e que assentam na produção de vínculos identitários. (PAIS, 2008, p. 246)

A tarefa de desvendar as “normas auto-referenciais” dos jovens “*galera da PP*” ou “*galera do DM*” implicaria assim, em responder a uma série de questionamentos: Como e quais grupos interagem entre si nesses espaços? Quais os referenciais de grupalidade? Quais as percepções intergrupais? Como (ou se) a sexualidade é acionada nesse movimento de sociabilidade e interação juvenil entre grupos? A mobilidade, fluidez e a instabilidade juvenil faziam dessas questões um enigma. Era necessário refazer os caminhos que os levavam à “mistura”, conhecer as dinâmicas de grupalidades para assim acessar os mecanismos agenciadores de suas interações. Os grupos juvenis seriam um dos caminhos, pois “as identidades de grupos emergem de identificações e contra-identificações, de oposição e distinções – como se a existência de uns e de outros fosse possível a partir das relações que entre eles se estabelecem” (PAIS, 2008, p. 247).

No entanto, logo ficou perceptível que os trânsitos juvenis inter e entre subgrupos não se faziam por lógica homogênea, explícita e demarcada de referenciais identitários, mas por uma pluralidade de identificações que tomam a subjetividade juvenil como campo demarcatório de sociabilidade.

A hipótese inicial e a mais óbvia seria a de que se agrupassem por estilo e/ou por orientação sexual, ao observar esses como os marcadores de identificação mais visíveis entre pares, portanto, promovedores de identificações entre iguais, resultando na construção de sociabilidades e grupos juvenis específicos. Tal hipótese esbarraria em problemáticas conceituais e práticas sobre estilos e orientações sexuais: “*O que é ser roqueiro?*”, “*Quem é gay?*”, “*Existe emo?*”. Para além desses questionamentos, que se faziam atravessados por subjetividades diversas, a interseção juvenil por identificações com estilos e orientações sexuais dificultava a confirmação desses marcadores de grupalidades juvenis: “*A que grupo integraria um jovem roqueiro gay? Ou um jovem emo heterossexual?*”.

Assim, para a identificação de grupos específicos entre as “misturas” juvenis, ignoro os referenciais de estilo e orientação sexual e utilizo-me de algumas pistas com as quais acreditava identificar a existência de tais grupos, seriam: O deslocamento (em grupo) no itinerário do bairro de morada às praças (e vice-versa); A ocupação (divisão) dos espaços na PP e no DM; A dinâmica cotidiana de sociabilidade – aqueles jovens que estão sempre juntos, tanto nessas praças, como em outros espaços da cidade.

A instabilidade da dinâmica juvenil dificultava a identificação desses marcadores de grupalidade, uma vez que, a princípio, pareciam transitar em constantes movimentos. A aproximação e a convivência com alguns jovens foram necessárias para a identificação de modos de grupalidades que se misturavam nesses espaços. Não há dúvida que alguns grupos juvenis estão fortemente marcados por sociabilidades que se constituem a partir da identificação com estilos (ou modos de vida). A “*galera do free step*” e a “*galera do break*” são exemplos nítidos de jovens que transitam pela cidade em pequenos grupos e que têm no estilo da dança o referencial para a sociabilidade juvenil. O olhar de Tittyz retrata tal perspectiva de grupalidade juvenil, demarcada pela identificação com o estilo:

Cada pessoa fica no grupo que você é, por exemplo, se eu danço, eu só fico ali no planetário, ou então se todo mundo que dança vai pra Praça Verde, eu também vou. Eu só ando com eles. Eu só ando com o pessoal que dança. [...] É uma turma assim, todo mundo se identifica com o que é. Se eu danço *Free Step*, eu vou andar com o pessoal que dança *Free Step*, eu num vou andar com o pessoal que é *emo*, porque eu não sou *emo*. Então, como eu não sou *emo* e nem gosto desse estilo, eu não vou andar com o pessoal que é *emo*. (Tittyz, 16 anos)

Vale lembrar que o posicionamento de Tittyz não pode e nem deve ser tomado como regra intransponível aos jovens dançarinos de dança de rua. Esse posicionamento está respaldado na existência de uma suposta rivalidade entre estilos musicais e no fato dos espaços de sociabilidade juvenil estarem atravessados pela socialização de tais gostos (por meio da escuta em caixinhas e/ou celulares), o que dificultaria a grupalidade de jovens de diferentes preferências de estilo de música.

Na turma do *free step* alguns se misturam, mas poucos. Principalmente por causa dessa rivalidade... Assim, um cara do *free step* chega numa galera de *roqueiro*, ai ver aquele sonzão tocando, *rock* pesado, ai aquela pessoa não gosta da música. “*-O meu lance não é esse!*”. Por isso que eles não se misturam. (Monalisa, 16 anos)

Apesar da dinâmica juvenil da “galera do free step” do DM sinalizar um distanciamento dos demais jovens que ali interagem, há, mesmo em menor proporção quantitativa, jovens dançarinos de *free step* que descansam dos passos livres na mistura da PV e da PP. A “galera do break”, parece ter maiores resistências em misturar-se com os jovens da PV.

No âmbito desta pesquisa, os jovens que têm, especialmente, a Arena do Dragão do Mar como espaço de encontros entre grupos de dança, não estabelecem interações de sociabilidade com maior intensidade na PP e na Praça Verde do DM. Assim, opto por aprofundar-me em grupalidades que se constituem nos espaços das praças com mais intensidade e naquelas em que estilos e orientações sexuais retratem as “misturas” que caracterizam as sociabilidades aqui estudadas.

Confesso que nos primeiros meses frequentando a PP e o DM, pús em xeque a existência de grupos juvenis em meio àquela diversidade de jovens que transitavam pelos espaços de interações, exceto os grupos de dança, mencionados anteriormente, que se mostravam claramente tais quais grupos com dinâmicas próprias e restritas à dança.

A ideia de grupalidade na PP e na PV do DM parecia existir em meio à mobilidade juvenil, no entanto, numa dinâmica inconstante e de curto prazo, sem perspectivas de grupos consolidados. Isso porque os grupos de jovens que se formavam, a conversar e/ou a beber, construíam-se e desfaziam-se várias vezes no decorrer da noite. Um dado que se aliava a tal percepção diz respeito à observação do itinerário juvenil do bairro de morada às praças e vice-versa. Quando não individual, os percursos juvenis eram feitos em pequenos números de jovens (dois ou três), e não em grupo. Se o itinerário não se fazia em grupo e as dinâmicas de interações nas praças não se mobilizavam por grupalidades duradouras, como identificaria a existência de grupos juvenis?

Ocorre que apenas a observação dos itinerários e das dinâmicas de conversas em grupos não era suficiente para a identificação dos grupos mais consistentes e duradouros e das dinâmicas por eles empreendidas. Era preciso adentrar as relações afetivas e as interações juvenis para além das praças. Acompanhá-los na tentativa de perceber as motivações dos trânsitos e os marcadores de possíveis grupalidades em meio às mobilidades.

Durante os primeiros meses no campo, a opção por não interpelar diretamente os jovens sobre os processos de interações e modos de grupalidade juvenil, de certa maneira, dificultava a identificação dos grupos ali existente, no entanto, por outro lado, foi possível identificar grupos juvenis que se quer se autoafirmam enquanto tal.

Pude perceber, entre alguns jovens, dificuldades em diferenciar “estilos” e “grupos” juvenis. Para alguns, o conceito de “grupo” estava atrelado ao estilo e à orientação sexual. Por diversas vezes, falavam de grupos ao referir-se a tipos de estilos e a orientação sexual.

Somente durante entrevistas com alguns jovens, os grupos juvenis iam sendo citados. Apesar de já tê-los identificado anteriormente, nas entrevistas, o olhar dos jovens sobre os grupos faziam-se necessários para a compreensão de como eram vistos pelos próprios jovens, estando eles inseridos ou não nesses grupos.

Interpelado sobre a existência de grupos juvenis na PP, Ângelo foi enfático: “Os grupos não são por estilo. Não... Não... Não tem um grupo só de *roqueiro*. Não tem um grupo só de *emo*, de *gay*, *lésbicas*. É tudo misturado, entende?” (Ângelo, 19 anos). Tchuco foi mais específico:

Tem vários grupos. A DNA é um. Tem o pessoal da PI, da praia de Iracema, que são os piranguinhos. Ai, tem os antigos mesmos! A galera antiga que era os Stifler. É uma galera que se reúne lá sabe!? Mas são poucos, são assim, uns 10, 15. São poucos. [...] A galera do Break anda no DM, mas eles ficam só embaixo do planetário, porque só vão pros cantos que dá pra botar música e pra dançar. (Tchuco, 18 anos) (grifos meus).

O jovem Digo os identifica pelas disputas por espaços e por uma suposta violência decorrente de conflitos entre grupos:

Bom... assim, nesses dois anos [período em que Digo frequenta as praças] surgiram duas famílias, vamos dizer assim, são grupos de amigos que tentam dominar esses dois espaços, que seria a família Shifler e a Família da DNA. Então, fica tendo muita briga entre essas duas famílias. O significado desses nomes eu não sei, viu! Eu sei que são duas famílias que tentam dominar esses espaços. Os espaços onde frequentam. Ai, fica tendo intrigas entre as duas gangues. Vamos chamar assim, gangues, porque são grupos de amigos que se juntam pra bater uns nos outros e em quem não tem nada a ver com o que está acontecendo, às vezes. (Digo, 21 anos) (grifos meus).

O olhar sobre os grupos juvenis como “famílias”, ou “grupos de amigos”, nos remete a questões de cunho afetivo, para além de uma mera suposta identificação por estilo e/ou orientação sexual, o que vai ao encontro da perspectiva de grupalidade caracterizada por misturas juvenis marcadas por relações superficiais/momentâneas/fluidas. Seriam mesmo os grupos compostos por jovens de diferentes estilos e orientações sexuais? Até onde estas “mistura” se concretiza na constituição de grupalidades?

Parto da ideia de grupalidade juvenil entendendo-a como a ações coletivas pautadas em relações socioafetivas capazes de mobilizar sociabilidades, relações próximas entre os jovens. Assim, seriam os grupos formas de sociabilidades coletivas em que a afetividade, a sociabilidade e a troca de experiências se constituem em maiores vínculos. Os grupos caracterizariam por relações marcadas por vínculos que ultrapassariam as conversas nos bancos das praças. Segundo Pais (2008, p. 246):

[...] as culturas de grupo se servem de suportes retóricos e simbólicos que projectam imagens minimamente conscientes em relação aos membros do próprio grupo e aos olhares de fora do grupo. É neste sentido que se pode afirmar que a identidade do grupo é alimentada por representações – sociais e discursivas – que reflectem a forma como os membros de um grupo se percebem e são percebidos pelos demais.

Penso que no contexto desta pesquisa, a grupalidade juvenil se constitui em um movimento em que diferenças e semelhanças coexistem, e constituem-se em um jogo de negociações no qual os grupos juvenis se constituem sob marcadores de identificações nos quais modos de vida e sexualidades são importantes referenciais para a grupalidade, no entanto, não se constituem como fronteira intransponível. Desse modo, não há como determinar de forma generalizada os referenciais de grupalidade.

Estilo e orientação sexual são marcadores de grupalidade importantes, mesmo que os discursos juvenis primam por negá-los. No âmbito das interações mais fluidas, eles estão negligenciados e as misturas juvenis se constituem com maior intensidade, no entanto, no âmbito da grupalidade, nas relações afetivas mais consolidadas por amizade, solidariedade, convivialidade, a identificação por estilo e orientação sexual ascendem fronteiras marcadoras das diferenças juvenis, portanto, determinantes na constituição de grupalidades, o que não quer dizer que não sejam, também, ultrapassadas.

Algumas Considerações

Se por parte da sociedade brasileira os modos de vida juvenis não convencionais e a vivência da diversidade de orientação sexual ainda são entendidos enquanto pertencentes a um submundo, hierarquicamente desprivilegiada, para alguns, e neste caso, para os jovens pesquisados, soam enquanto anúncios dos tempos modernos, do século XXI. Um confronto paradoxal vivido na contemporaneidade que se faz emergente, pois lança-se aos jovens o desafio de compreender e conviver com paradoxos que constantemente invadem seu cotidiano.

Dessa maneira, os modos de vida juvenis estão relacionados à adoção de estilos e à vivência da sexualidade, mobilizados por uma diversidade de referenciais socioculturais carregados de significados e sentidos sociais. Os estilos juvenis se constituem por campos diversos de identificações, nos quais a estética corporal; a variedade de gostos (estilo musical, estilo de dança, cultura japonesa) e as representações sociais (de classe, por exemplo) são tomadas como campos de identificações e pertencimentos. A sexualidade versa sobre um espaço/tempo juvenil de descobertas, experimentações e conflitos vivenciados em interações com as normas sócio, e culturalmente, instituídas.

A sociabilidade juvenil, caracterizada pela interação entre estilos e orientações sexuais, constituiria, como afirmam jovens, os “*tempos de misturas*”. A dimensão da “mistura”, para além de uma conotação espacial (geográfica ou material), consiste no reconhecimento (consciente ou não) de um processo de afirmação de diferenças e semelhanças. Um processo de identidades que se passa nas interações movidas por uma diversidade de identificações juvenis, oferecendo pistas sobre os mecanismos sócio-culturais agenciados pelos jovens. Tal agenciamento potencializa a apreensão dos modos como tais “misturas” se constituem, estabelecem relações; definem fronteiras (geo-espaciais e afetivo/sexuais); delineiam formas de sociabilidades e interações (aproximações e distanciamentos), em uma tentativa de delegar, legitimar ou questionar padrões e normas sociais.

Bibliografia

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**. Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa/PT: Fim de Século Edições LDA, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LOBO, Elizabeth Souza. Caminhos de Sociologia no Brasil: Modos de Vida e Experiência. **Tempo Social; Rev. Social**, São Paulo, USP, v. 4, n.12, p. 7 - 15, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

_____. Culturas de Grupos. In: MATOS Artur Teodoro de; LAGES, Mário Ferreira (coords.). **Portugal: Percursos de Interculturalidade**. 4 v. 2º v.: Contextos e dinâmicas/João Peixoto [et al.], 2008.

SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard (orgs.). **Construções da Sexualidade:** gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade, IMS/UERJ e ABIA, 2004.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade; um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.) **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).